

IMAGENS DE CHUMBO

Como lhe dissemos na Introdução, nem tudo foi rosas nesse curto período de história da nossa Italiápolis. Não há como engrandecer, com odisséias romanescas, imaginados heróis. O humano perde o pêlo, mas não perde o vício.

Entre os anos de 1919 a 1929 tivemos uma Italiápolis cheirando enxofre tal o número de crimes de morte. Os mais referenciados, por razões óbvias, foram os assassinatos de Antonio Mendes de Carvalho e de Francisco de Abreu, mas a coisa não parou por aí.

De tantos, uns 10 ou 12, não há registro. Ficamos na transmissão oral.

O famoso Buraco Quente, o nosso Oeste do Mississipi que o diga. Essa "boca fedorenta", atualmente desconhecida, iniciava-se no cruzamento da Rua Padre Tarallo com a Av. dos Amaros, descendo por uma barranqueira até às margens do córrego.

As brigas começavam no largo da igreja e os caboclos desciam o morro, quando não atracados, nos

empurra-empurras, nos socos e pontapés, indo morrer na ponta de faca ou tiro de garrucha à beira d'água.

Este cenário e das suas mortes não entraram para a história. O Sr. Paes Leme Junior dedicou-se à geopolítica para mais tarde, em seu trabalho 'Cartas Que Não São Persas', se redimir encarando a antropogeografia nos seus aspectos sociais.

Os cruzamentos de nossas ruas, no entanto, como os formados pela atual Rua José Trevisan com a Av. Campos Salles, ou o da Sete de Setembro com a Av. Valentim Gentil, ou ainda o da Valentim Gentil com a Rua Padre Tarallo, viram e ouviram tiros certos e corpos tombados.

A esses crimes me refiro a título de ilustração, sem nomear agressores ou agredidos e dos rebuliços causados.

Na José Trevisan com Campos Salles, um caboclo maduro e valente, habituado a surrar de chicote os seus desafetos, caiu de cima de seu cavalo graças a um tiro de garrucha muito bem dado por um rapazola franzino e medroso.

No segundo caso, um caboclo que fugia da cadeia foi surpreendido por uma bala de carabina desferida da porta do atual Museu Municipal por um praça de boa pontaria. Atrás de uma fuga facilitada havia sempre uma bala perdida.

Das três mortes, a mais romântica. Em plena esquina, um ilustre desconhecido imaginou limpar a sua honra com 4 disparos de revólver. Um morto, uma correria

e só. O criminoso fugia, atravessava o Tietê e nunca mais era visto.

A dor da traição não tem cura. Bem ou mal casada, a mulher em Italiápolis foi um permanente perigo.

Com a italianidade, repito, veio a fartura e com ela a migração cabocla desocupada. Numa colonização européia, caboclo na administração pública só por força de lei, o que permitiu, por aqui, o aparecimento de figuras vindas de longe, profissionais liberais, inclusive das Minas Gerais, Bahia e Rio de Janeiro.

O Coronel Amaral, político militante, personagem promovido pelos escritos do Sr. Júlio da Silveira Sudário (Cartas Que Não São Persas edição 1968), teve um filho bastardo. Do coronel e desse filho nada consta, bico calado. O caboclo era perigoso.

Contudo, uma testemunha de peso, já falecida, relatou-me "um antigo caso amoroso desse político com uma bela negra, sua cozinheira. A doméstica com os seus encantos, seios empinados e nádega rechonchuda, quebrou a espinha do patrão e com ele teve um filho, um rapagão, um moreno entardecer".

Que relação haveria entre o filho bastardo do coronel e a morte do Sr. Francisco de Abreu? A política e o dinheiro foram os invisíveis advogados do caso.

O filho bastardo obedecia cegamente ao pai e teve como professor o Sr. Antonio Pompeu, o fiel correligionário. Onde há fumaça, há fogo!

A Administração Euclides Gomes foi marcada por agitação, carabinas, balas e busca de forasteiros. O "assalto a prefeitura", um pretexto e o tiro, uma vingança.

O bastardo, a mando, através de uma das janelas do prédio, pelo lado de fora e em plena rua, com testemunhas assistindo, acertou pelas costas o Sr. Francisco de Abreu.

Por alguns contos de réis apresentou-se como o matador um capanga morador pelos lados do Fugido. Legalmente, tudo perfeito. O capanga foi julgado e cumpriu pena.

Libertado por 'boa conduta', algum tempo depois foi morto. O seu corpo cheio de chumbo de caçar capivara foi encontrado atrás de uma pilha de tijolos bem defronte a sua própria casa.

Os filhos do Sr. Chico cumpriram a promessa feita ao pé do túmulo e validaram o criminoso engodo do hábil político, autor da 'judiciosa' frase --- "Povo de Itápolis! Povo filho da puta!".